



## PINTURA EM CENA: PINTURAS DE ARTISTAS PLÁSTICOS COMO DISPARADORAS DA CENA TEATRAL

### PAINTING ON STAGE: PAINTINGS BY VISUAL ARTISTS AS TRIGGERS FOR THE THEATRICAL SCENE IN SCENOGRAPHY TEACHING

Diana Barreto Carneiro<sup>1</sup>  
Instituto Federal Fluminense

Gabriel Rangel do Nascimento<sup>2</sup>  
Instituto Federal Fluminense

#### RESUMO

Este artigo discorre sobre o uso de pinturas de artistas plásticos como indutores da cena teatral. O aspecto da cena teatral que é abordado neste trabalho é o da cenografia. O presente trabalho contextualiza a cenografia e sua relação intrínseca com as Artes Visuais, apresentando a possibilidade de utilização de pinturas como indutores de jogo teatral. A aplicação prática das reflexões deste artigo foi realizada através de uma aula na turma juvenil do projeto Siminino do Instituto Federal Fluminense *campus* Campos Centro. É apresentada a elaboração e execução do plano de aula, com reflexões e análise dos impactos que a aula teve nos estudantes. O método de pesquisa-ação foi utilizado, em que os pesquisadores refletiram sobre sua própria prática. Pode-se concluir que a proposta foi atingida com êxito, com criação de cenas pelos alunos, demonstrando a potência das pinturas como disparadoras de criações cenográficas e na interpretação cênica.

**Palavras-Chave:** Teatro. Arte-Educação. Artes Visuais. Pintura. Cenografia.

#### ABSTRACT

This article discusses the use of paintings by visual artists as inducers of the theatrical scene. The aspect of the theatrical scene that is addressed in this work is scenography. This paper contextualizes scenography and its intrinsic relationship with the Visual Arts, presenting the possibility of using paintings as inducers of theatrical play. The practical application of the reflections in this article was carried out through a lesson in the youth class of the Siminino project at the Fluminense Federal Institute's Campos Centro *campus*. The preparation and execution of the lesson plan is presented, along with reflections and analysis of the impact the lesson had on the students. The action research method was used, in which the researchers reflected on their own practice. It can be concluded that the proposal was successfully achieved, with the students creating scenes, demonstrating the power of paintings as triggers for scenographic creations and stage interpretation.

**Keywords:** Theater. Art Education. Visual Arts. Painting. Scenography.

<sup>1</sup> Estudante da Licenciatura em Teatro pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos Centro. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3284947114530799>>.

<sup>2</sup> Estudante da Licenciatura em Teatro pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos Centro. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3941902024628576>>.



## INTRODUÇÃO

A cenografia se refere a arte de apresentar e agrupar visualmente elementos que constituem estética e simbolicamente uma peça de teatro, uma exposição/galeria, e dentre outros ambientes artísticos. Esses elementos cênicos podem simbolizar ideias, períodos históricos, signos e representarem objetos concretos do cotidiano.

O professor Nelson José Urssi (2006, p. 15) caracteriza o cenógrafo como “o profissional teatral que se especializou em criar todos os elementos visuais de um espetáculo utilizando métodos projetivos e construtivos somados à tecnologia disponível em um lugar e tempo específico”. O ensino de Teatro perpassa por vários componentes da linguagem, como, por exemplo, atuação, texto, voz, corpo, jogos teatrais<sup>3</sup>, etc. A cenografia é um desses elementos ensinados no campo teatral.

Nós, autores deste artigo, somos mediadores da turma juvenil do projeto de pesquisa e extensão Siminino do Instituto Federal Fluminense *campus* Campos Centro (IFFluminense). O projeto é responsável por oferecer aulas de Teatro gratuitas para crianças e jovens da cidade de Campos dos Goytacazes - RJ. Ele é coordenado pela docente e atual coordenadora da Licenciatura em Teatro, Maria Siqueira Queiroz de Carvalho.

Ao longo do ano, vamos introduzindo conceitos básicos do Teatro para os alunos, a fim de os preparar para a apresentação do final do ano da turma. Para introduzir esses conceitos, utilizamos de jogos teatrais e exercícios com indutores de jogo relacionados com a temática de cada aula. Ao elaborarmos nosso planejamento anual das aulas, decidimos que uma delas teria como temática a cenografia. A cenografia pode ser considerada um elemento das artes visuais, devido ao seu caráter visual e estético.

---

<sup>3</sup> De Carvalho (2020, p. 76-77) explica que “A metodologia de Jogos Teatrais é uma metodologia de ensino do Teatro através da participação em jogos. Inspirada nas atividades esportivas, a autora norte-americana Viola Spolin criou tal método com o intuito de produzir espontaneidade na atuação de atores amadores. [...] é o trabalho prático que compromete corpo, mente e sensibilidade no desenvolvimento de habilidades e competências inerentes à prática teatral, favorecendo também o trabalho de apreciação e de aprendizado de teorias da Arte [...]”.



O uso de indutores de jogo teatral auxiliam na criação de cenas, esses indutores contribuem para despertar a criatividade do ator. A partir da relação das Artes Visuais com a cenografia, a utilização de pinturas de artistas plásticos como indutores da cena surgiu como uma possibilidade metodológica para a aula que previa o desenvolvimento de saberes relacionados a tal temática.

Este artigo tem como finalidade discorrer sobre o uso de pinturas de artistas plásticos como indutores da cena teatral. Será apresentado o planejamento e execução da aula de cenografia na turma dos jovens do projeto. A relação entre a cenografia e as Artes Visuais será explorada. Em seguida, será explicado como pinturas de artistas plásticos podem ser utilizadas como indutores da cena teatral. A manufatura do plano de aula e a execução da aula propriamente dita serão apresentadas, com seus resultados e reflexões. A pesquisa utilizou do método de pesquisa-ação, refletindo sobre a própria prática da sala de aula teatral.

## CENOGRAFIA E ARTES VISUAIS

De acordo com Urssi (2006), a cenografia corresponde à construção do evento estético-espacial da cena. Ele explica que através dos elementos cênicos o cenógrafo irá suprir as demandas estéticas do espetáculo:

A cenografia, do grego *skenographia* e do latim *scenographia*, síntese histórica e tecnológica do ato projetivo cênico, abrange atualmente todo o processo de criação e construção do evento estético-espacial e da imagem cênica. O cenógrafo utiliza-se de elementos como cores, luzes, formas, linhas e volumes, para solucionar as necessidades apresentadas pelo espetáculo e suas matizes poéticas em diversos meios e fins [...]. (Urssi, 2006, p. 14)

A cenografia é elaborada no intuito de que o espectador entre em contato com ela, fruindo com seus elementos visuais e sensoriais. Sem a interação com o espectador, a cenografia se torna incompleta (Urssi, 2006). Ela é composta por diversos elementos que devem possuir uma harmonia entre si. O ator em contato com a cenografia será afetado por ela e vice-versa, interferindo na sua atuação e composição da cena teatral.

A cenografia é a indicação visual comum do diretor e do cenógrafo, para uma peça, ópera ou dança, e deve ser apresentada ao público como um



trabalho cenicamente unificado. Deve compreender as necessidades dos atores, expostos a uma audiência, interagindo no espaço cênico. O ator interage com informações físicas e simbólicas que vão compor a cena em uma poética de realidade. Em termos cenográficos, os estilos de performance do ator, do estilo de sua maquiagem ou figurino ou cenografias devem também ser unificados [...]. (Urssi, 2006, p. 77-78)

Motta (2008) discorre que ao presenciar um espetáculo, a plateia se depara com elementos cênicos que trazem informações e provocam sensações em quem o assiste. Esses elementos transmitem mensagens visuais para o público. O conjunto da cenografia, maquiagem, iluminação e indumentária são denominados elementos visuais de um espetáculo. Esses elementos visuais demonstram como o Teatro é uma linguagem que abrange outros tipos de arte, promovendo uma interação entre elas (Motta, 2008).

As Artes Visuais podem ser caracterizadas como o conjunto de formas de arte que têm como principal característica o aspecto visual. A cenografia faz parte das Artes Visuais, já que ela é constituída de elementos visuais na sua concepção. Outra área que faz parte das Artes Visuais é a pintura. Na intenção de se elaborar uma aula de cenografia teatral, a relação com outras formas de Artes Visuais se tornou uma possibilidade.

## PINTURAS COMO INDUTORAS DA CENA TEATRAL

Para se criar uma cena teatral, é possível utilizar de diversos métodos. Um método possível é utilizar indutores de jogo teatral para desencadear uma cena. O professor Jean-Pierre Ryngaert utilizava o termo *indutores de jogo* como disparadores da cena teatral. Sobre isso, Da Silva explica que:

Ryngaert (2009) desenvolve os chamados *indutores de jogo* – o espaço, a imagem, o personagem e o texto – em suas oficinas, mas sem a necessidade de atingir resultados definitivos: não há a preocupação com um sentido fechado ou um produto acabado. Ao jogar a partir do *indutor espaço*, por exemplo, Ryngaert trabalha com a idéia (sic) de enquadramento – definição, demarcação de uma área de jogo - e a exploração de sua realidade imediata: o trabalho criativo nasce do estímulo que o espaço em si oferece – textura, cor, luz, linhas, ângulos. É a materialidade do espaço que induz ao jogo. (Da Silva, 2009, p. 7)



Esses indutores de jogo auxiliam no entendimento do ator dos elementos constituintes do teatro, o preparando para futuras cenas em que irá atuar. No sentido de trabalhar cenografia com nossos estudantes e levando em conta a relação intrínseca da cenografia com as Artes Visuais, o uso de pinturas de artistas plásticos como indutores de cena apareceu como uma alternativa a ser seguida. O ator ao observar uma pintura, se depara com características que podem influenciar na composição da cena teatral. São diversos elementos estéticos que possuem capacidade de interferir na elaboração da cena. Ryngaert exemplifica os elementos que ator pode levar em consideração ao se deparar com uma tela como indutor de cena:

O procedimento torna-se de fato eficaz quando centra a busca do jogador nos elementos da obra, mais nos significantes do que em torno de um sentido preestabelecido. Nesse caso, o jogador considera o ritmo, o movimento, a composição, as cores, caso se trate de um quadro [...]. (Ryngaert, 2009, p. 207)

Dessa forma, o estudante é instigado a se adentrar metaforicamente na imagem, se permitindo ser influenciado por ele na criação da cena. De acordo com Ryngaert (2009), ao se deparar com um quadro, o ator consegue sentir como se estivesse passeando por dentro da obra. Portanto, ele é instigado a abrir mão de estereótipos, se permitindo afetar pela materialidade e estética do universo daquela produção artística (Ryngaert, 2009). Utilizar diferentes tipos de referências artísticas como indutores de cena auxiliam para que a cena seja construída de forma não-convencional ou com comodismos. O desafio de mesclar diversos tipos de formas artísticas promove o exercício da criatividade:

[...] O confronto com obras artísticas abre novos campos, rompe com os riscos de trabalho em circuito fechado e introduz novos desafios. As dimensões históricas e estéticas de obras escolhidas em domínios muito diferentes desencadeiam outras práticas do jogo [...]. (Ryngaert, 2009, p. 181)

A partir dessa premissa de promover a criatividade e o desafio, iniciamos o processo de planejamento da aula de cenografia para a turma utilizando pinturas como indutoras da cena teatral.

## **APLICAÇÃO DA METODOLOGIA**



Seguindo a estratégia de planejamento do projeto, em que cada encontro teria como foco o trabalho a partir de um elemento da linguagem teatral, para o desenvolvimento desta aula foi preciso pensar em caminhos e estratégias que permitissem trabalhar, durante o tempo de uma hora e trinta minutos, a apresentação de alguns dos signos que compõem uma cena. Dessa forma, foi determinado que o foco seria para o figurino e os objetos, bem como a disposição desses elementos no espaço.

Tendo essa necessidade como fio condutor do planejamento que viria a se desenvolver, foi necessário pensar em como realizar uma prática que dialogasse com o tema da aula e que proporcionasse a construção desse conhecimento por intermédio do jogo teatral. Foi então que surgiu a ideia de se utilizar obras de arte de artistas visuais, com destaque no critério da seleção de pinturas que carregassem na sua composição alguma ambientação cenográfica que pudesse servir como inspiração para releitura em um formato de cena teatral. As obras pré-selecionadas para execução do exercício foram: *Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte* (1884–1886), do pintor francês George-Pierre Seurat; *Três de Maio de 1808 em Madrid* (1814), do pintor espanhol Francisco de Goya; *A Morte de Sócrates* (1787), do pintor francês Jacques-Louis David; *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp* (1682), do pintor holandês Rembrandt Harmenszoon van Rijn. Os jogadores foram divididos em grupos e, em sorteio, a cada grupo foi determinada uma pintura a qual iria trabalhar até o fim da aula.

Ademais, de que forma seria possível oportunizar uma experiência cenográfica a partir da releitura de obras de arte sem materiais que viabilizassem a execução dessa ideia? Para isso seria preciso realizar uma visita ao acervo de visualidades da cena, do curso superior de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal Fluminense, onde os estudantes teriam contato direto com um conjunto de materiais em abundância, tornando crucial realizar um trabalho de pesquisa e investigação acerca de quais elementos poderiam integrar suas respectivas releituras.



Por meio desse exercício de reinterpretar criativamente e escolher materiais que compusessem o conjunto cenográfico, foi possível perceber na articulação entre percepção e imaginação dos estudantes a ideia de cognição imaginativa elucidada por Pimentel (2013).

Pensar arte é uma instância do espaço imaginativo, não como espaço de acaso, mas como espaço da construção do conhecimento. A imaginação tem um papel fundamental da concepção cognitiva em arte, porque desenvolve sentidos por meio de metáforas. O tensionamento entre imaginação e imagem pode ser considerado uma operação cognoscível. Tem-se, então, a evidência da cognição imaginativa como possibilidade de construção de conhecimento. (Pimentel, 2013, p. 99)

A imaginação se torna fundamental para a execução desse planejamento assim como também é essencial para a concepção cognitiva em arte abordada por Pimentel (2013), pois através dessa relação os estudantes podem apreender e compreender os conceitos ou significados a partir da experiência que, nesse caso, é a cenografia. A imaginação possibilita aos jogadores criarem conexões de ideias, experiências e emoções, uma vez distribuídos em grupos, e a maneira que ocorre o “tensionamento entre imaginação e imagem” viabiliza a construção do conhecimento.

## DESAFIOS DA EXECUÇÃO

Fatores como a logística de tempo foram muito determinantes para a execução do planejamento. Com isso, tornou-se indispensável a necessidade de coordenar pontualmente as diferentes partes do processo, desde a escolha dos materiais no acervo de visualidades até a montagem das cenas e sua apresentação. Para que houvesse uma otimização de tempo, fora instruído que cada grupo se articulasse entre si nas escolhas dos figurinos e objetos cenográficos. Dessa forma, essa etapa do trabalho ocorreu de maneira mais organizada e eficiente no tempo previsto.

Contudo, em meio ao processo de seleção dos materiais, diante da empolgação dos educandos ao estar numa sala repleta de objetos diversos em formatos, tamanhos, cores e até incomuns, foi preciso intervir em alguns momentos nos grupos e orientá-los para a necessidade real dos materiais para a cena. Esse



momento foi de grande relevância para que eles pudessem se atentar à importância de uma escolha consciente dos elementos cenográficos, como algo intencional e funcional, que vai além da mera estética. Com isso, Barbi afirma:

A cenografia no Teatro desempenha um papel de grande importância na criação da atmosfera, no estabelecimento do contexto espacial e temporal da peça, na definição dos locais onde as cenas ocorrem e na construção visual dos personagens. (Barbi, 2023, p. 8)

Com isso, orientar os alunos nesse processo teve como objetivo ocasionar uma reflexão de que o uso excessivo ou a escolha despropositada de materiais poderia sobrecarregar o cenário e até mesmo desviar a atenção do público do que realmente importa.

## APRESENTAÇÃO

Por conseguinte, tendo encerrado a etapa de seleção dos materiais que comporiam a cenografia da releitura dos quadros de renomados artistas plásticos, retornamos ao local em que tudo se deu início: a sala de aula. Com o gerenciamento de tempo ainda no cronograma, os jogadores iniciaram o trabalho de organizar e refletir sobre como estariam dispostos no espaço os objetos e os personagens no momento da cena. Para esse momento da atividade seria necessário que os jogadores dialogassem entre si, alinhando percepções, compartilhando ideias e revisitando o material de referência articulando com os itens apanhados. E assim sucedeu.

A apresentação foi subdividida em duas partes: primeiramente os grupos iriam um por vez apresentar, de forma estática e não-verbal, como no *Teatro-Imagem*<sup>4</sup>, sua releitura da pintura sorteada, juntamente sua proposta cenográfica; por fim, deveriam, a partir das composições imagéticas realizadas anteriormente, criar uma cena improvisada se relacionando com a cenografia e conforme a leitura que tivessem tido a partir da observação da pintura original. Como resultado, os jogadores apresentaram cenas bastante interessantes e diversificadas em termos de

---

<sup>4</sup> Teatro-imagem é uma técnica desenvolvida por Augusto Boal, dentro do conjunto de práticas do Teatro do Oprimido, que utiliza imagens corporais e a comunicação não-verbal como forma de comunicação e reflexão



composição de cenografia, bem como cores, figurinos e objetos. Como mostram as imagens abaixo:

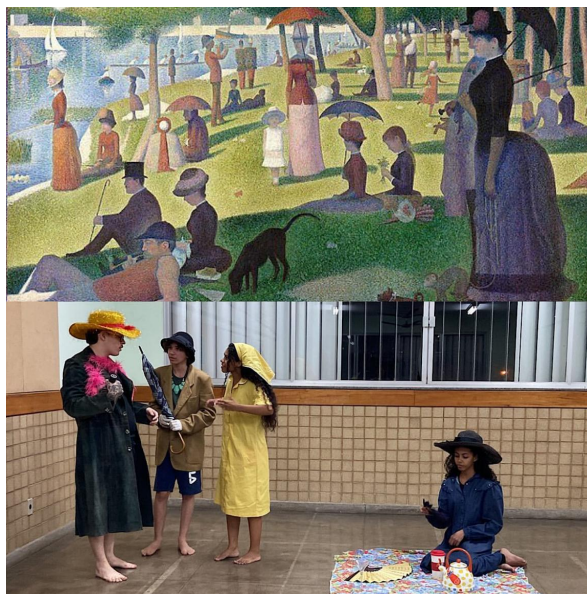
Figura 1. Estudantes da turma de jovens do projeto Siminino realizando a releitura do quadro *A Morte de Sócrates* (1787), de Jacques-Louis David



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Na Figura 1, os estudantes optaram por priorizar o uso de tecidos com uma paleta de cores que mais se aproximasse do material de referência, utilizando poucos objetos de cena, chamando a atenção do público para a construção visual dos personagens no espaço.

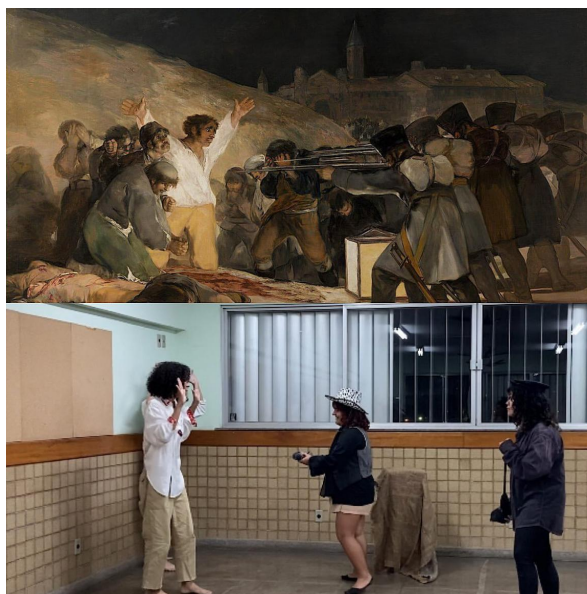
Figura 2. Estudantes da turma de jovens do projeto Siminino realizando a releitura do quadro *Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte* (1884–1886), de George-Pierre Seurat



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Na Figura 2, o grupo responsável pela composição se destacou pelo uso de objetos cenográficos, de forma a enriquecer a composição com detalhes visuais que pudessem dar maior preenchimento para a cena.

Figura 3. Estudantes da turma de jovens do projeto Siminino realizando a releitura do quadro *Três de Maio de 1808 em Madrid* (1814), de Francisco de Goya



Fonte: acervo pessoal dos autores.



Na Figura 3, o grupo por sua vez escolhe apresentar uma caracterização que valorize maior contraste entre os personagens, trazendo uma ideia de oposição na narrativa contada, assim como na obra de referência. Também se destacou pela pouca presença de objetos na cena.

Figura 4. Estudantes da turma de jovens do projeto Siminino realizando a releitura do quadro *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp* (1682), do pintor holandês Rembrandt Harmenszoon van Rijn



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Na Figura 3, o trio de estudantes apresentaram uma ideia interessante na caracterização utilizando um adereço de miçangas vermelhas para representar as vísceras do personagem que estaria morto na cena. Ademais, se destacaram também pelo minimalismo e criatividade de escolha de materiais para compor a cena.

Por fim, a atividade resultou em interessantes combinações de signos que fazem parte de um conjunto cenográfico e serviu de valiosa experiência para fixação de aprendizado. As improvisações em sua maioria tendiam a ir para o lado da comicidade e divertimento - característica muito forte na turma -, e permitiu que



principalmente fosse atingido um dos objetivos principais do projeto Siminino: o ensinar/aprender se divertindo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A orientação durante as fases do processo foram ímpares para a construção do resultado que culminou, essencialmente no que tange a compreensão de que a cenografia não se trata de quantidade, mas de qualidade e intencionalidade na elaboração. A cenografia vai além da qualidade de montagem visual, pois dialoga diretamente com a dramaturgia e o desenvolvimento da narrativa teatral.

Outrossim, refletimos sobre como a vivência por meio do jogo no processo de experimentação possibilitou que os educandos desenvolvessem formas simbólicas e diferentes maneiras de se relacionar com um dos elementos fundamentais do teatro: a cenografia. Como destaca Carmela Soares (2010, p. 41), o jogo teatral “[...] transporta o olhar do aluno para uma nova dimensão, diferente da habitual, o que lhe permite romper com uma visão pré-determinada e estabelecida da realidade”. Essa ruptura foi evidente na maneira como os alunos abordaram a atividade, permitindo-lhes criar novas realidades cênicas a partir de suas próprias interpretações.

Com toda certeza o ensejo deixado por essa experiência possibilita ir mais além do que está sendo documentado neste escrito, mas a porta de entrada já está aberta para possíveis experiências de desinvenções e reinvenções futuras acerca desse aporte.

## REFERÊNCIAS

BARBI, Artur Nogueira. *A Cenografia Como Instrumento De Criação No Processo De Montagem Teatral*. Belo Horizonte, 6 de julho de 2023. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Teatro. Universidade Federal de Minas Gerais. Publicado em 09 de agosto de 2023. Disponível em: <https://eba.ufmg.br/tccs/index.php/teatro/article/view/436>. Acesso em: 08 set. 2024



DA SILVA, Andrea Pinheiro. O jogo como indutor da encenação: Uma experiência de sala de aula. *Cadernos Virtuais de Pesquisa em Artes Cênicas*, 2009. Disponível em: <https://seer.unirio.br/pesqcenicas/article/view/704>. Acesso em: 23 ago. 2024.

DE CARVALHO, Maria Siqueira Queiroz. *Plano de Infiltração nas Escolas: uma análise de atuação docente em Teatro no campus Campos Centro IFFluminense*. Rio de Janeiro, 2020. 135 f. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

MOTTA, Gilson. Cenografia e indumentária na arte-educação. In: FLORENTINO, Adilson., TELLES, Narciso., eds. *Cartografias do ensino do teatro* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 103–112. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788570785183.0011>. Acesso em: 23 ago. 2024.

PIMENTEL, L. G. Cognição Imaginativa. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, p. 96–104, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15640>. Acesso em: 7 set. 2024.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar: Práticas dramáticas e formação*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009. 277 f.

SOARES, Carmela. *Pedagogia do jogo teatral: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

URSSI, Nelson José. *A linguagem cenográfica*. São Paulo, 2006. 122 f. Mestrado em Artes. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes. Disponível em: [https://www.academia.edu/7857085/Nelson\\_Jos%C3%A9\\_Urssi\\_A\\_Linguagem\\_Cenogr%C3%A1fica](https://www.academia.edu/7857085/Nelson_Jos%C3%A9_Urssi_A_Linguagem_Cenogr%C3%A1fica). Acesso em: 23 ago. 2024.